O DISCURSO JORNALÍSTICO E AS FACES DO FATO
EM O MEZ DA GRIPPE DE VALÊNCIO XAVIER

Evanir Pavloski¹

Resumo: O objetivo do presente artigo é analisar as múltiplas visões interpretativas de um momento histórico que se entrelaçam na novela *O mez da gripe* de Valêncio Xavier, tendo, como foco principal, a cobertura jornalística da epidemia de gripe espanhola de 1918 na capital paranaense. Para tanto, serão tomadas como *corpus* de análise as notícias de dois periódicos da época que, inseridas na obra de Xavier de forma contrastiva, demonstram a relevância dos planos de expressão e de conteúdo para a concretização discursiva dos textos. Além disso, com base nos estudos sobre as conflituosas relações entre a historiografia e outros gêneros de registro histórico, como a literatura e o próprio jornalismo, pretendemos demonstrar a influência de aspectos socioculturais nessas práticas discursivas, desmitificando ideais tradicionais de representação do real como espelhamento, imparcialidade e objetividade. Finalmente, argumentaremos que a discussão sobre os limites dos elementos subjetivos e objetivos no discurso jornalístico, ao invés de minorar sua importância, valoriza-o como agente ativo no processo de construção e de reconstrução da História.

Palavras-chave: Jornalismo. História. Mez da gripe. Valêncio Xavier.

Abstract: The aim of this article is to analyze the multiple interpretative views of a historic moment that are interwoven in the novelette *O mez da gripe*, written by Valêncio Xavier, focusing on the journalistic coverage of the Spanish flu epidemic of 1918 in the capital of Paraná. In order to achieve this goal, the reports from two newspapers of the time will be taken as *corpus* materials due to the fact that the contrastive way they are presented in Xavier's work reveals the importance of both form and content for the texts' concretization as discourses. Based on studies of the conflicting relation between historiography and other kinds of historical registers such as literature and journalism itself, we intend to demonstrate the influence of sociocultural aspects on these forms of text production and to undermine traditional ideals concerning the representation of reality like mirror function, impartiality and objectivity. Finally, we intend to argue that the discussion about the limits of subjective and objective elements in the journalistic discourse, far from diminishing its importance, give it value as an operative force in the construction and reconstruction of History.

Keywords: Journalism. History. Mez da gripe. Valêncio Xavier.

¹ Professor adjunto da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), lotado no Departamento de Estudos da Linguagem (DEEL). Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná. Email: evanir.pv@gmail.com

INTRODUÇÃO

Ainda que algumas correntes teórico-críticas tenham defendido vigorosamente a análise imanentista da obra literária no século XX, o período foi marcado pelo reconhecimento do caráter sociológico do objeto estético, tanto em seu contexto de produção quanto em seu efeito simbólico sobre o leitor. Independentemente de seu gênero, o texto literário se inscreve em um fluxo de reflexões e discussões de diferentes ordens que não se restringem a questões estéticas. Se, por um lado, as circunstâncias histórico-sociais influenciam, a escritura da obra, mesmo que por deliberado afastamento crítico; por outro lado, o texto atua nesse cenário argumentativo, podendo contribuir, inclusive, para o aprofundamento ou para a renovação de seus temas. É preciso, contudo, evitar o radicalismo teórico que no século XIX instrumentalizou os elementos extradiegéticos e paratextuais como base para uma decifração supostamente inequívoca da obra literária.

Antonio Candido (2006) salienta que a matéria contextual incorporada pelo texto literário se transforma em substância da sua própria estrutura. Ao se referir às abordagens historicistas e formalistas, Candido afirma que

Hoje sabemos que a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas; e que só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos, ainda, que o *externo* (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, *interno*. (CANDIDO, 2016, p. 12-13).

Essa assimilação de fatores externos não se restringe a fatos

específicos, épocas demarcadas ou temas correlatos e pode incluir outros aspectos como, por exemplo, formas de linguagem, de discurso, de comportamento e de pensamento que caracterizam um determinado período. Obviamente, dada a natureza artística do objeto literário, o diálogo com questões estéticas não é apenas inserido em sua estrutura, mas condiciona a própria concepção estrutural da obra.

Além disso, as linguagens, os discursos, as ideologias e a própria literatura podem assumir funções não apenas miméticas, mas também temáticas no arcabouço ficcional do texto.

É o que vem sendo percebido ou intuído por vários estudiosos contemporâneos, que, ao se interessarem pelos fatores sociais e psíquicos, procuram vê-los como agentes da estrutura, não como enquadramento nem como matéria registrada pelo trabalho criador; e isto permite alinhá-los entre os fatores estéticos. A análise crítica, de fato, pretende ir mais fundo, sendo basicamente a procura dos elementos responsáveis pelo aspecto e o significado da obra, unificados para formar um todo indissolúvel. (CANDIDO, 2006, p. 14).

Se considerarmos que os fatores externos contribuem para a organização interna das obras, extrapolando um caráter meramente referencial e auxiliando para a significação do texto, seria razoável também admitir que há diferentes níveis de manipulação dessa reciprocidade entre elementos extra e intradieгéticos.

Diante dessa variabilidade, a obra de Valêncio Xavier se revela como um objeto interessante de análise devido ao seu grau de experimentalismo na utilização de referentes contextuais na tessitura formal e retórica do texto.

1. O CALEIDOSCÓPIO COMPOSICIONAL DE VALÊNCIO XAVIER

Nascido em São Paulo e radicado em Curitiba, Valêncio Xavier

Niculitcheff (1933 – 2008) alcançou projeção nacional ao produzir uma estética literária que agrega diferentes linguagens em um mesmo plano de expressão formal. Em suas diversas produções, o autor lança mão de textos imagéticos e verbais dos mais variados gêneros para alcançar um efeito estético e simbólico peculiar. Como salienta a pesquisadora Lígia de Amorim Neves,

Essa literatura intersemiótica reflete uma tendência da cultura contemporânea, a de incorporação de elementos imagéticos aos seus trabalhos, em uma tentativa, dentre outras funções, de atender a necessidade de maior eficiência na comunicação. (NEVES, 2006, p. 44).

Após anos trabalhando como roteirista e diretor em projetos de teatro, cinema e TV, Xavier se dedicou intensamente à literatura a partir do final da década de 70. Dentre suas obras publicadas, destacamos títulos como *Curitiba, de nós* (1975), *O mez da gripe* (1981), *Maciste no inferno* (1985), *Minha mãe morrendo e o menino mentido* (2001) e *Crimes à moda antiga* (2004).

Em 1998, a compilação *O mez da gripe e outros textos* foi lançada pela Companhia das Letras e rendeu ao autor o Prêmio Jabuti de melhor produção editorial no ano seguinte. Não obstante seu inegável valor, a categoria na qual a obra foi premiada exemplifica certas tendências de reconhecimento da literatura de Xavier que priorizam seu aspecto formal. Inegavelmente, seu experimentalismo em termos estruturais é uma das principais características de sua produção. Nossa proposta de análise, no entanto, é discutir de que forma a arquitetura da novela *O mez da gripe* compõe uma dimensão argumentativa igualmente singular. Em outros termos, uma de nossas preocupações é demonstrar a indissociabilidade dos planos de expressão e de conteúdo para a significação do texto, especificamente no que tange

a problematização do discurso jornalístico.

A percepção, o reconhecimento e a significação dos elementos que compõem a tessitura da novela constituem um processo essencialmente pluri-semiótico. Desde o início, a obra apresenta uma multiplicidade de signos dispostos aparentemente de forma desordenada e incidental. Manchetes de jornais dividem espaço com pronunciamentos oficiais de órgãos do governo, anúncios comerciais, fotografias, canções populares, versos poéticos e transcrições de depoimentos orais. Ao longo do texto, a estrutura e o conteúdo de cada gênero textual são preservados, constituindo um processo de colagem semelhante ao dos artistas da *pop-art* dos anos 50. O professor Fábio Rad-di Uchoa (2015) enumera, com base no trabalho de David McCarty (2002), algumas das principais características desse movimento:

Uso de materiais de anúncio, de publicidade ou revistas populares, a partir da colagem; a ruptura da distinção entre arte elevada e arte inferior, belas artes e arte popular; a oscilação entre arte e publicidade; a tendência à bi-dimensionalidade; a ambigüidade, entre a adesão e a ironia aos meios de comunicação de massa; o interesse por revistas em quadrinhos, revistas de grandes circulação e pelo cinema de Hollywood; o olhar para a cultura visual da publicidade e dos meios de comunicação de massa. (UCHOA, 2015, p. 226).

É importante salientar que Valêncio Xavier mistura em sua obra textos autênticos (notícias de jornal, levantamentos estatísticos e fotografias) com objetos estético-ficcionais (poema, canções e desenhos). Essa estratégia composicional relativiza, a exemplo da *pop-art*, não apenas os limites entre o real e o ficcional, mas também a dicotomização entre cultura popular e erudita. Em termos recepcionais, essa estrutura exige do leitor modelo o uso de múltiplas habilidades neurofisiológicas e cognitivas que, segundo Flávio Martins Carneiro, tornou-se imprescindível para certas experiências de leitura na se-

gunda metade do século XX.

De um lado, as linguagens que demandam um leitor alfabetizado, capaz de identificar signos escritos e relacioná-los entre si a partir de uma gramática da língua. De outro, as linguagens não verbais, cujo acesso, pelo menos no nível mais primário de leitura, está disponível a todos. Seria necessário situar, ainda, um terceiro grupo, onde palavra e imagem dialogam, como no cinema e nos *outdoors*. (CARNEIRO In: YUNES, 2002, p. 65).

Em diferentes experiências estéticas contemporâneas, a pluralidade genérica e a fragmentação estrutural substituem ideais como os de unidade e de visão totalizante do real. Se tais princípios já haviam sido desafiados durante o Modernismo, esse processo de questionamento apenas se intensifica nas últimas décadas do século. A busca por uma nova dicção literária que atendesse a uma visão da realidade como algo caracteristicamente fragmentado e, recorrentemente, caótico, fomentou o surgimento de tendências experimentais, dentre as quais encontramos a literatura de Valêncio Xavier.

Ratificando as palavras de Antonio Candido, *O mez da grippe* não apenas representa fatores externos de seu contexto de produção, mas também os inscreve em sua tessitura composicional. Se do ponto de vista estrutural, a fragmentação e a colagem dialogam com inquietações estéticas do período; do ponto de vista temático, o reconhecimento de um universo experimental tipicamente fragmentário que demanda sua própria linguagem artística é essencial para a significação da obra.

Além disso, a fusão entre os planos de expressão e de conteúdo singulariza ainda um tema central para a novela e, em grande medida, para a modernidade tardia: as relações entre fato e ficção.

2. HISTORIOGRAFIA, JORNALISMO E LITERATURA EM *O MEZ DA GRIPPE*

<https://periodicos.unifap.br/index.php/letras>

Macapá, v. 8, n. 1, 1º sem., 2018

A partir do exposto até o momento, seria pacífico afirmar que a multiplicidade é um dos aspectos emblemáticos da literatura de Valêncio Xavier. Como vimos, essa característica é manifesta nos gêneros textuais que lhe servem de matéria-prima e na variedade discursiva resultante dos diferentes tipos de enunciação distribuídos ao longo da obra.

Todos esses discursos que se intercalam na novela contribuem para a formação de uma dimensão argumentativa igualmente multifacetada, possibilitando várias abordagens temáticas do texto. Dentre essas possibilidades, a problematização da historiografia se destaca como uma das mais instigantes.

A novela de Xavier é ambientada em um momento turbulento da história da cidade de Curitiba: o surto de gripe espanhola de 1918. Ao reunir fragmentos de diferentes publicações da época sobre a moléstia cujas mensagens são, muitas vezes, contraditórias, a obra problematiza o conceito recorrentemente idealizado de registro factual. O jornalismo, a literatura, a estatística e a publicidade, por exemplo, são valorizadas no texto como áreas de documentação histórica, mas têm seus discursos constantemente confrontados como forma de avaliar o grau de precisão e subjetivação a que cada uma delas está sujeita.

Neste ponto, é importante realizar uma breve recuperação de parte da gênese dessa tendência crítica. Até o século XVIII, os registros históricos não se diferenciavam das produções ficcionais do ponto de vista formal. Nesse sentido, a historiografia e a literatura se aproximavam enquanto gêneros narrativos que analisavam a realidade sincrônica e o desenvolvimento diacrônico das sociedades. Como afirma Hayden White,

Antes da Revolução Francesa, a historiografia era considerada convencionalmente uma arte literária [...] O século XVIII foi fértil em obras que distinguem entre, de um lado, o estudo da história e, de outro, a escrita da história. A escrita era um exercício literário, especificamente retórico, e o produto desse exercício devia ser avaliado tanto segundo princípios literários quanto científicos. (WHITE, 2001, p. 139).

Entretanto, as tendências positivistas do novo século fomentaram o desejo dos historiadores pelo reconhecimento da abordagem científica de seus estudos e, para isso, tentaram se afastar de uma dicção estética em seus textos, o que fortaleceu a dicotomia entre fato e ficção.

Com a expansão da imprensa e a multiplicação dos periódicos, foram atribuídos à escrita jornalística ideais de objetividade e imparcialidade semelhantes aos da historiografia. Uma das influências no século XIX para a modulação dos parâmetros da produção jornalística foi a Teoria do Espelho do positivista Augusto Comte, segundo a qual a qualidade da notícia dependia do seu potencial de espelhamento do fato ocorrido. Ainda que essa visão da notícia como transposição fidedigna do evento tenha posteriormente sido alvo de duras críticas por parte de profissionais e teóricos do jornalismo, há que se admitir que sua ingerência permaneceu no imaginário coletivo até a contemporaneidade. Como afirmam Rossi & Marques Ramires,

Alcançar a objetividade significaria então ser isento, imparcial em sua descrição sobre o acontecimento. No entanto, o conceito de objetividade foi adotado pelo jornalismo no século 19 quando notou-se a necessidade de distribuição da notícia para alimentar os mais diferentes mercados: político, econômico e social, mas também que tivesse alcance geográfico mais extenso. Era preciso então, criar conceitos que tratassem as notícias – veiculadas até aquele momento em jornais partidários, e portanto explicitamente parciais, – como se elas pudessem obedecer uma lógica de neutralidade e assim penetrar nas mais diversas esferas da sociedade. (ROSSI; RAMIRES, 2013, p. 79).

Assim, as valorizações da cientificidade na historiografia e da imparcialidade no jornalismo contribuíram para a consolidação de uma relação antitética entre formas de escrita consideradas factuais e as criações puramente ficcionais e, dessa forma, carentes de relevância documental.

No século XX, diferentes correntes dos estudos literários contestaram a desconsideração da historicidade do objeto estético como, por exemplo, a história da literatura, a teoria marxista e o pós-colonialismo. Essas vertentes críticas problematizaram o hiato entre as noções de fato e ficção, demonstrando e valorizando a potencialidade da obra literária enquanto registro. Nessas perspectivas, a literatura volta a ser reconhecida como figuração mimética de um tempo determinado que desvela, não obstante sua intenção estética, aspectos socioculturais específicos do período. Para Hans Robert Jauss

A historicidade da literatura revela-se justamente nos pontos de intersecção entre sincronia e diacronia. Deve, portanto, ser igualmente possível tornar apreensível o horizonte literário de determinado momento histórico sob a forma daquele sistema sincrônico com referência ao qual a literatura que emergiu simultaneamente pôde ser diacronicamente recebida segundo relações de não-simultaneidade, e a obra percebida como atual ou inatual, como em consonância com a moda, como ultrapassada ou perene, como avançada ou atrasada em relação a seu tempo (JAUSS, 1994, p. 49).

Concomitantemente, o ideal positivista subjacente aos gêneros historiográfico e jornalístico passa a ser questionado por meio seus respectivos profissionais, que dialogam com outras áreas do pensamento como a filosofia da linguagem e a análise do discurso. Essa aproximação os provém de argumentos para afirmar que a subjetividade é elemento inalienável não apenas de alguns gêneros específicos, mas de toda e qualquer produção discursiva. Hayden White aponta que

Nosso discurso sempre tende a escapar dos nossos dados e voltar-se para as estruturas da consciência com que estamos tentando apreendê-los; ou, o que dá no mesmo, os dados sempre obstam a coerência da imagem que estamos tentando formar deles [...] Trópico é a sombra da qual todo discurso realista tenta fugir. Entretanto, esta fuga é inútil, pois trópico é o processo pelo qual todo discurso *constitui* os objetos que ele apenas pretende descrever realisticamente e analisar objetivamente (WHITE, 2001, p. 13,14).

Em outros termos, a subjetividade sempre se faz presente como mecanismo de intermediação entre os elementos empíricos que o autor tenta figurar e a sua estruturação lingüística. Dessa forma, os elementos da realidade são constituídos pela linguagem e influenciados pela visão de mundo subjetiva daquele que manipula o código. Além disso, variantes culturais, sociais, ideológicas e mesmo econômicas podem influenciar diretamente a composição de discursos tidos previamente como imparciais.

Com o advento da chamada pós-modernidade, a relativização dos limites entre objetividade e subjetividade em produções textuais e a valorização de suas respectivas historicidades se fortalece, dando origem, inclusive, a uma categoria romanesca denominada pela teórica canadense Linda Hutcheon de *metaficção historiográfica*. Segundo a autora, essa tendência literária

Estabelece a ordem totalizante, só para contestá-la, com sua provisoriedade, sua intertextualidade e, muitas vezes, sua fragmentação radical [...] A metaficção historiográfica demonstra que a ficção é historicamente condicionada e a história é discursivamente estruturada (HUTCHEON, 1991, p. 155, 158).

Ainda que *O mez da gripe* tenha sido publicado antes do momento considerado inaugural da pós-modernidade, i. e., final dos anos 80, as semelhanças estruturais e temáticas da obra com os romances metaficcionais são aparentes. Valêncio Xavier utiliza uma tessitura narrativa multifacetada e iconográfica para relativizar o ideal

de objetividade positivista apropriada por determinadas práticas textuais. Segundo essa visão, tanto a historiografia e o jornalismo quanto a literatura são construtos de linguagem fundamentados em visões específicas de mundo, que não podem ser totalmente eximidas de um maior ou menor grau de subjetividade. O indivíduo está inserido (cognitiva, ideológica e emocionalmente) na realidade que busca analisar ou descrever. Como salienta Eliana Yunes, “no conjunto, o que se coloca em relevo é uma crítica às noções de conhecimento objetivo e de um sujeito que se pretende capaz de conhecer sem se conhecer. Uma representação dos fatos é uma hipótese ou uma versão” (YUNES, 2002, p. 23).

Em *O Mez da gripe*, o autor evidencia essa dimensão subjetiva das práticas discursivas ao reunir dentro do mesmo texto diferentes versões que se propõe a discutir o mesmo acontecimento histórico. Nessa miríade documental, analisaremos as perspectivas de dois jornais de 1918, tendo como objetivos a valorização dos periódicos como registros históricos e o reconhecimento das especificidades de seus discursos que, no processo de desmitificação de ideais como o da plena imparcialidade, aproxima-os da historiografia e da literatura.

3. O JORNALISMO E AS FACES DO FATO HISTÓRICO NA OBRA LITERÁRIA

A novela de Valêncio Xavier cobre o período dos últimos três meses de 1918 na cidade de Curitiba e os desdobramentos do surto de gripe espanhola na cidade. As páginas da narrativa são marcadas com a numeração de parte dos dias do período, a exemplo de um diário particular preenchido com diferentes recortes da época. Com isso, o leitor tem acesso à dinâmica dos acontecimentos de forma linear e, em grande medida, contínua.

Ao longo da obra são apresentadas notícias autênticas de dois jornais em circulação no período: O Commercio do Paraná e o Jornal da Tarde. Essa justaposição atende ao objetivo de confrontar os textos de ambos os veículos acerca de um determinado evento e demonstrar as suas diferenças estruturais e retóricas.

Primeiramente, os dois periódicos têm dicções jornalísticas visivelmente distintas. Ainda que o padrão de uso da língua seja o do início do século passado, são perceptíveis as diferenças de composição textual nos dois jornais. À guisa de exemplificação, transcrevemos as duas passagens abaixo², que se referem a um mesmo episódio ocorrido no mês de dezembro do referido ano:

Desenrolou-se hontem no Hospício N. S. da Luz uma scena terrificante que teve como protagonista um infeliz demente ali recluso [...]

Diário da Tarde

[...]

Domingo foi nossa população cruelmente abalada com a notícia de que no Hospital N. S. da Luz ocorrera uma tectrica scena de sangue, da qual era protagonista um dos infelizes reclusos daquele estabelecimento [...] Commercio do Paraná (XAVIER, 2002, p. 72, 73).

Essa diferença no nível de formalidade das notícias publicadas não se explica unicamente por questões estilísticas. O Diário da Tarde e O Commercio do Paraná utilizam estruturas lingüísticas distintas porque atendem a públicos também distintos. No início da obra, esse direcionamento não é evidente, mas no decurso da colagem dos recortes parece claro que o periódico vespertino busca atender leitores de uma camada mais popular enquanto o seu concorrente matutino direciona seus textos para um grupo mais restrito.

Neste momento, é preciso esclarecer que essa distinção entre

² Uma vez que as notícias são expostas na obra em forma de recortes, as respectivas citações seguirão normas próprias de apresentação que não condizem necessariamente com o formato, tipo de fonte e diagramação originais dos trechos na novela.

grupos de leitores não se pauta em uma visão preconceituosa, tanto da parte do autor da obra quanto dos editores dos respectivos jornais. Há razões específicas para essa separação.

Em primeiro lugar, todo autor ao produzir um texto estabelece um diálogo com um público específico de leitores, orientação que inevitavelmente condiciona, dentre outros aspectos, o uso da linguagem. É relevante, a partir disso, a noção de receptor inscrito no texto, ou seja, a projeção de um interlocutor que será capaz de decodificar a sua linguagem, de perceber suas nuances de estilo e de compreender seu conteúdo. Os pesquisadores das teorias da recepção delinearam diferentes modelos para caracterizar esse leitor abstrato, mas como afirma Vincent Jouve, há uma função específica que os aproxima: “simples imagens de leitor postuladas pela narrativa ou receptores ativos que colaboram no desenvolvimento da história, esses leitores se baseiam na ideia de que, estruturalmente, existe em qualquer texto um papel proposto para o leitor” (JOUVE, 2002, p. 47).

Assim, entende-se como inerente às práticas textuais a determinação de um grupo de leitores particular, o que não significa necessariamente a exclusão proibitiva de receptores afins. O plano de expressão de uma obra é também condicionado pela pressuposição dos seus interlocutores. Isso ocorre tanto no jornalismo quanto na historiografia e na literatura. Nesse sentido, um livro de história para o ensino fundamental exibirá uma linguagem distinta de uma análise filosófica do materialismo histórico, da mesma forma que a arquitetura estético-lingüística de um romance intimista se diferenciará de um conto detetivesco. Ao posicionar lado a lado fragmentos de um mesmo gênero textual direcionados *a priori* para modelos diferentes de leitores, Valêncio Xavier expõe as adaptações lingüísticas de cada um deles.

Entretanto, quando tratamos especificamente dos registros jornalísticos e de sua ampla inserção na esfera social, quais os critérios para o reconhecimento e a delimitação de públicos específicos?

Inevitavelmente, a resposta para esse questionamento se relaciona com a vinculação direta entre o potencial econômico do indivíduo e a sua formação educacional. Ainda que passível de críticas, essa associação serve ainda de referencial para estratégias de produção e distribuição de produtos de consumo da indústria cultural, incluindo os objetos textuais. Seguindo essa lógica, é compreensível que um veículo de comunicação delimite e analise o seu público-alvo como forma de melhor planejar sua linha editorial e os seus parâmetros de linguagem.

Percebemos que a diferença entre os planos de expressão dos dois jornais em *O mez da gripe* não é desmedida ou mesmo intransponível. Isso decorre do fato de que em 1918, a imprensa já questionara a separação absoluta entre as camadas populares e as privilegiadas da sociedade e passara a atender um público maior de leitores, sem necessariamente desconsiderar seus antigos consumidores. Para Nelson Traquina (2002) essa ampliação do mercado consumidor de jornais já se iniciara no século XIX, gênese intimamente ligada ao desenvolvimento progressivo dos regimes democráticos e das mudanças econômicas. Segundo ele, surge um “novo conceito de audiência: um público mais generalizado e não uma elite educada; um público politicamente menos homogêneo” (TRAQUINA, 2002. p. 35).

Percebe-se assim que O Diário da Tarde e O Commercio do Paraná preservam as suas respectivas diretrizes de expressão formal, privilegiando um leitor modelo particular, mas sem apelar para a vulgarização ou para o hermetismo em suas respectivas publicações.

Não obstante, o efeito dos textos dos dois periódicos sobre os

seus receptores é diferenciado, mesmo considerando apenas os seus planos de expressão. Segundo Vincent Jouve, a dimensão cognitiva da leitura é fundamentalmente afetada pela tessitura formal do texto, o que inclui aspectos lexicais, sintáticos e semânticos. Conseqüentemente, tanto a compreensão do leitor sobre o que é descrito quanto a sua concretização simbólica do evento podem ser alteradas. Jouve caracteriza esse processo de ordem simbólica da seguinte forma:

O sentido que se tira da leitura (reagindo em face da história, dos argumentos propostos, dos jogos entre os pontos de vista) vai se instalar imediatamente no contexto cultural onde cada leitor evolui. Toda leitura interage com a cultura e os esquemas dominantes de um meio e de uma época. O leitor passa a encarar o universo de suas relações e de suas experiências de uma forma diferente daquela anterior à leitura (JOUVE, 2002, p. 22).

Reafirmando, portanto, esse embricamento entre planos de expressão e de conteúdo de um texto, podemos considerar que as afirmações “*Desenrolou-se hontem no Hospício N. S. da Luz uma scena terrificante*” e “*Domingo foi nossa população cruelmente abalada com a notícia de...*” provocam reações distintas em seus leitores. A título de exemplificação, a referência no Commercio do Paraná ao generalizado abalo emocional da população atribui ao acontecimento maior importância, tanto em termos de gravidade quanto de notoriedade.

Os leitores apreenderão cognitivamente essas nuances semânticas, o que influenciará o processo simbólico de inscrição do evento em sua matriz sociocultural. Em outras palavras, o leitor da notícia do Diário da Tarde poderá conferir um grau de importância menor à tragédia do que aquele que ler a matéria em seu rival matutino.

No que se refere à historicidade desses textos tendo em vista os seus aspectos formais, seria interessante refletir sobre dois mo-

mentos de recepção. Sincronicamente ao período de publicação, os leitores dos jornais poderiam construir versões distintas do ocorrido a partir da dicção narrativa com a qual tiveram contato. Já na esfera diacrônica, um sujeito interessado pela tragédia no hospício e que consultasse os dois periódicos nos dias atuais teria dificuldade em decidir qual ênfase mais se adequaria ao que aconteceu. Em síntese, a história é influenciada pela forma lingüística-discursiva que assume diante do leitor.

Ao considerarmos o plano de conteúdo das notícias veiculadas pelos dois periódicos, o primeiro aspecto a ser ressaltado é o posicionamento editorial de cada jornal em relação ao avanço da gripe espanhola na capital paranaense. Enquanto o Diário da Tarde assume uma abordagem mais alarmista sobre a disseminação da doença na cidade, o Commercio da Tarde sustenta um discurso pacificador que, nos primeiros dias do mês de outubro, chega a ironizar a gravidade da influenza por meio da publicação de uma canção popular.

A SEMANA RIMADA

"La influenza espanola" / Esso todo, la gran grita, / No tiene casi que nada

No passa, cosa esquisita! / De una ... gran espanolada

Jeca Rabecão

O COMMERCIO DO PARANÁ

(XAVIER, 2002, p. 14).

Com o passar dos dias, o jornal mescla o tom irônico com uma argumentação tranquilizadora, a qual é constantemente reafirmada por manchetes que não reconhecem o número de mortos vitimizados pela gripe. As duas passagens abaixo exemplificam essa perspectiva contida do periódico matutino:

Durante a semana ultima de 14 a 20 do corrente, nasceram no districto desta Capital, 39 pessoas e faleceram 19. De molestia infec-

ciosa houve apenas um obito, de febre typhoide. COMMERCIO DO PARANÁ

[...]

SUELTO ...

A influenza hespanhola e o amor seria uma tese psychological magnifica para ser desenvolvida por um Paul Bourget de francaria que se atormentasse num eterno sonho de duquezas e condessas, pallidas e loiras, muito loiras e frias ... COMMERCIO DO PARANÁ (XAVIER, 2002, p. 26, 27).

Ainda que o Diário da Tarde divulgue notícias sobre o assunto de forma bastante cuidadosa no início, o seu reconhecimento da epidemia e a sua exploração midiática dos desdobramentos se tornam progressivamente mais contundentes.

A GRIPPE

Embora a censura policial tivesse varrido do noticiario da imprensa a rekltação dos fatos verificos, com relação á epidemia, o nosso dever profissional nos força a sahir do mutismo em que nos encontravamos nesse sentido e vir dizer ao povo que todo esse preparativo que se faz não é apenas para evitar que o mal chegue até nos, massim para dar combate á enfermidade que já nos atingiu. DIÁRIO DA TARDE (XAVIER, 2002, p. 33).

Percebemos, dessa forma, que os periódicos assumem linhas editoriais distintas que resultam, comparativamente, em registros contraditórios da gravidade do surto de gripe em Curitiba. Diante disso, os textos publicados pelos dois jornais transcendem uma função puramente descritiva e idealisticamente objetiva dos eventos do período, caracterizando-se como agentes constituintes do processo histórico em si, uma vez que a diferença de suas abordagens desafia uma noção unívoca de verdade O jornalismo, assim como a literatura, reconstrói a realidade por meio de signos, adaptando-a ao trópico discursivo que lhe convém. Como postula Hayden White, “o intuito do discurso é constituir o terreno onde se pode decidir o que contará como um fato na matéria em consideração e determinar qual o modo de compreensão mais adequado ao entendimento dos fatos assim

constituídos” (WHITE, 2001, p. 16).

Essa visão sobre as práticas discursivas da imprensa não apenas refuta diretamente a Teoria do Espelho, mas também abre espaço para a consideração das possíveis variantes econômicas, políticas e ideológicas que influenciam a articulação diária das notícias. A contraposição das publicações em *O mez da gripe* incita essa reflexão que, obviamente, não se reduz ao estudo diacrônico da historicidade do jornalismo, estendendo-se até a contemporaneidade e a ainda recorrente sublimação da imparcialidade do gênero jornalístico.

O real só existe quando estabelecemos interações com os acontecimentos e, como há condicionamentos sociais, histórico-culturais, econômicos, psicológicos, cada interpretação do que é real, dá-se de forma diferenciada para cada indivíduo. No entanto, as convenções acerca do que é a realidade ou a conjuntura real, auxiliam o senso comum na interpretação do mundo de forma decodificada. O jornalismo preenche cada vez mais essa necessidade do homem contemporâneo em adquirir informação por meio de convenções acerca do que é real. O perigo é que disfarçado sob a bandeira do imparcial, o real é muitas vezes o discurso oficial; expressa o interesse de determinados grupos no jogo do capital; ou faz propaganda de ideologias. (ROSSI; RAMIRES, 2013, p. 82).

Na novela de Valêncio Xavier, há uma aparente consonância entre a linha editorial de O Commercio do Paraná e os recorrentes pronunciamentos governamentais emitidos com o intuito de tranquilizar a população em relação à epidemia. Nesse contexto, podemos afirmar que o jornal matutino se alinha com o poder instituído para evitar o pânico e manter a ordem no município. Em contrapartida, o Diário da Tarde publica orientações sobre os sintomas da gripe e estatísticas com o número de vítimas. Tal posicionamento redundante, inclusive, na censura de uma reportagem inteira sobre a moléstia na página 17.

Esta folha sempre se manteve numa attitude de calma solicitude ante os interesses publicos, abstando-se de dar noticias que pudessem levar terror á nossa população. . . COMMERCIO DO PARANÁ

[...]

A MORTANDADE CRESCE

Hoje, até às duas horas da tarde foram registrados no Cartorio da Praça Tiradentes, 22 obitos, sendo 16 causados pelo mal reinante.

DIÁRIO DA TARDE (XAVIER, 2002, p. 51).

Se, por um lado, o periódico matutino tem os relatórios oficiais para fundamentar a sua “calma solicitude ante os interesses públicos”; por outro lado, as notícias veiculadas pelo Diário da Tarde parecem ser corroboradas por outros discursos, dentre os quais, destaca-se o relato testemunhal de Dona Lúcia, uma sobrevivente da epidemia de 1918 que foi entrevistada pelo próprio Valêncio Xavier em 1976. Segundo essa senhora, a situação em Curitiba se tornou caótica com a disseminação da doença. “Os primeiros mortos tinha mortalha, eu mesma costurei algumas. Depois era de qualquer jeito, faltou até caixão. Vinham buscar os mortos, antes de enterrar tiravam do caixão para servir para outro. DONA LÚCIA – 1979” (XAVIER, 2002, p. 33). Novamente, ressaltamos a estrutura composicional da novela, em que declarações como essa são colocadas ao lado (ou muito próximas) de outros textos que negam ou amenizam a proliferação da gripe.

Além desses testemunhos, medidas profiláticas anunciadas pelas próprias agências governamentais como, por exemplo, o fechamento de cinemas e outros locais públicos parecem delinear um quadro diferente daquele noticiado pelo jornal matutino.

Ademais, o próprio Commercio do Paraná deixa de circular no dia 29 de outubro por causa da quantidade de funcionários doentes que se ausentaram, acontecimento que é prontamente satirizado pelo Diário da Tarde. Naturalmente, uma nota é emitida com a justificativa de que os trabalhadores faltantes tinham sido acometidos por

um tipo comum de gripe e não pela influenza.

Independentemente dessa explicação, os elementos citados até aqui podem influenciar o leitor da obra a considerar o Diário da Tarde com o periódico que desafia as orientações governamentais em nome de um compromisso com a verdade dos fatos. Essa percepção é ainda potencializada pelas memórias de Dona Lúcia, uma vez que o senso comum atribui maior veracidade às narrativas testemunhais. “Como saber quanto morreram? O governo não ia dizer o número verdadeiro dos mortos para não alarmar. Até hoje, ninguém sabe ao certo” DONA LÚCIA – 1976 (XAVIER, 2002, p. 39).

Entretanto, a problematização dos registros históricos na obra vai além de uma aparente dicotomização entre vozes consideradas verdadeiras ou falsas. Como salientamos anteriormente, os discursos são articulações do real por meio da linguagem, tendo seus comprometimentos – propositais e não propositais – e suas restrições. Assim, apresentaremos a seguir três aspectos de *O mez da gripe* que desmitificam a idealização do Diário da Tarde como um arauto da verdade e um refúgio para a imparcialidade jornalística.

Em primeiro lugar, a memória não é uma fonte confiável para informações sobre o passado, uma vez que a capacidade mnemônica dos seres humanos é limitada e as lembranças se tornam mais fugidivas conforme o indivíduo se afasta temporalmente do acontecimento. Nesses casos, um processo de ficcionalização do passado, muitas vezes fortalecido por um impulso autobiográfico, preenche lacunas da memória, enfatiza detalhes irrelevantes e desconsidera aspectos importantes para a reconstituição discursiva do evento. É justamente o que ocorre com os relatos de Dona Lucia na novela de Xavier. Apesar das declarações sobre as circunstâncias da epidemia de 1918 parecerem coerentes, quando a testemunha é questionada, em diferentes

momentos, sobre o destino de um casal de alemães que morava no seu bairro na época, surgem diferentes versões para o que veio ocorrer com eles.

"Moça bonita, solteira. Morreu na gripe. Não resistiu a febre forte. Muito branca, alta, cabelo loiro bem comprido. Morreu na gripe."
[...]

"Não, ela morreu na gripe. O marido se salvou, mas ela morreu. Vi o corpo, bonita, muito branca, cabelo branco de tão loiro, mortalha branca."
[...]

"Não, na época ela não era casada. Moça bonita, solteira. Muito branca, loira. Casou, teve filhos, mas nunca mais ficou certa da cabeça. Tinha períodos de lucidez, casou depois da gripe, teve filhos, mas nunca mais ficou certa da cabeça." DONA LÚCIA – 1976 (XAVIER, 2002, p. 75, 76).

Se o leitor percebe a confusão de Dona Lúcia ao discorrer sobre o fado da moça loira, ele pode considerar, no mínimo, admissível que a senhora também esteja confundindo informações ou exagerando detalhes relativos ao surto de gripe em Curitiba. Assim como ocorre com todos os registros históricos expostos na obra, não se objetiva uma invalidação arbitrária da veracidade dos discursos memorialistas, mas um desvelamento da sua hibridez enquanto construto de linguagem. Provavelmente, Dona Lúcia não mente deliberadamente diante das questões que lhe são propostas. Ela apenas reconstitui os fragmentos da sua memória da maneira que lhe parece mais correta, o que se assemelha ao trabalho de um historiador ou de um jornalista encarregado de analisar um momento histórico específico.

De qualquer forma, a constatação da fragilidade e da imprecisão das lembranças da Dona Lúcia relativizam o caráter fidedigno das notícias do Diário da Tarde com as quais a memória da senhora se alinhava. De forma totalmente especulativa, não seria possível, inclusive, imaginar que Dona Lúcia tenha tido contato, em 1918 ou mesmo

posteriormente, com as publicações do jornal vespertino e isso tenha influenciado suas recordações, transformando-as em partes inalienáveis de uma memória coletiva transmitida pelos textos?

Um segundo momento de desestabilização de um ideal de objetividade atribuído ao Diário da Tarde pode ser encontrado quando Valêncio Xavier posiciona lado a lado a cobertura de um mesmo evento realizado pelos dois jornais da época. Trata-se da tragédia ocorrida no Hospício N. S. da Luz já citada neste artigo para exemplificar as diferenças nos planos de expressão dos periódicos. Além da questão lingüística, as reportagens apresentam grandes discrepâncias em dados específicos como, por exemplo, a idade do assassino e o seu tempo de internamento. Se considerarmos razoável que preocupações políticas e direcionamentos ideológicos influenciavam a elaboração de manchetes sobre a epidemia de gripe, como justificar tantas divergências em coberturas jornalísticas de um evento menos polêmico, ainda que inegavelmente trágico? O quadro abaixo, de nossa autoria, resume os principais pontos de discordância nas reportagens dos dois periódicos.

Quadro 01:

	Diário da Tarde	Commercio do Paraná
Idade do assassino	22 anos	32 anos
Tempo de internamento	Não consta	05 anos
Último surto violento	Há cerca de 05 anos	Nunca ocorreu
Instrumento de ataque à primeira vítima	Muleta	Tranca de madeira
Identidade da segunda vítima	Cozinheiro	Epilético
Condição da segunda vítima	Morto	Ferido
Número de vítimas fatais	04	05

Seria possível alegar que um texto foi publicado quase doze horas antes que o outro e que, por conta disso, aquele não apresentava um levantamento de dados tão minucioso quanto este. Caso es-

sa possibilidade seja aceita, é preciso ressaltar que a reportagem do Diário da Tarde foi a primeira a vir a público, aspecto que, como adiantamos, traz indagações sobre a objetividade e a imparcialidade do jornal, ideais que atualmente parecem tangenciar a esfera das utopias.

Embora a dicotomia objetividade/subjetividade lance luz sobre a relação humana com o sentido de realidade, as práticas jornalísticas atravessadas pela imediaticidade imposta para o relato dos fatos nas redações, distanciam ainda mais as tentativas do profissional de buscar neutralidade do conteúdo ao ouvir vários discursos sobre o acontecimento. (ROSSI & RAMIRES, 2013, p. 82).

Finalmente, os registros estatísticos oficiais complementam o processo de questionamento da exaltação neutralidade jornalística de um veículo de comunicação sobre o outro. Reafirmamos que uma certa tendência a valorizar os dados do Diário da Tarde poderia surgir a partir do desacordo do periódico com as informações governamentais, as quais estariam sendo constantemente adulteradas como forma de resguardar a ordem pública. Entretanto, o número de vítimas fatais no mês de outubro de 1918 contabilizado e divulgado pelo Serviço Sanitário da cidade é maior do que a quantidade total publicada em matéria do Diário da Tarde. Enquanto o jornal vespertino calcula 288 mortes, o órgão municipal computa 295 vítimas. Assim, há uma inversão de posições entre as fontes de informações no que se refere ao reconhecimento dos efeitos da epidemia.

Diante disso, a idealização de um discurso jornalístico que, investido de plena imparcialidade, representa uma verdade inquestionável do evento histórico esmorece. Não se trata aqui de relativizar *ad extremis* a noção de fato ou questionar a relevância do jornalismo enquanto fonte documental de informações. Assim como a literatura, a historiografia, o testemunho e a estatística, o jornalismo reafirma o

seu valor como conhecimento social ao reconhecer os aspectos subjetivos e culturais que caracterizam os seus discursos e a sua própria historicidade.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Linda Hutcheon (2001) afirma que só podemos conhecer o passado por meio dos seus textos. No entanto, diante da vertiginosa multiplicidade de gêneros, formas e abordagens como descobrir onde a verdade histórica reside? Como decidir em que discurso o fato subsiste?

A resposta dada por Valêncio Xavier em *O mez da gripe* é tão frustrante quanto reveladora: todos os registros são verdades criadas a partir de um fato cuja existência não pode ser mais empiricamente recuperada. Ao contrastar tantas visões diferentes sobre o mesmo evento, o autor transforma a sua novela em um artefato plurissemiótico que constrói um quadro multifacetado (e, justamente por isso, mais completo) dos últimos três meses de 1918 na cidade de Curitiba.

Nesse contexto, a oposição entre os dois jornais da época des- constrói, por um lado, o ideal de espelhamento discursivo e imparcial do mundo e ressalta, por outro lado, as variantes sóciopolíticas, linguísticas e idiossincráticas que subjazem a qualquer representação do real. Assim, na valorização da diferença e da especificidade, os textos jornalísticos não apenas se inscrevem na História, mas participam ativamente do caleidoscópio de verdades que a caracteriza.

Referências

CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

HUTCHEON, L. **Poética do pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Imago Ed. 1991.

JAUSS, H. R. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. São

Paulo: Ática, 1994.

JOUVE, V. **A leitura**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

NEVES, Lígia de Amorim. “Um estudo sobre a escrita literária de Valêncio Xavier” In: **Revista Acta**, vol. 28, nº 01, Maringá, 2006, p. 37-46.

ROSSI, Michelle & RAMIRES, Mário Marques. “A imparcialidade como conceito de qualidade jornalística” In: **Revista Comunicação e mercado/ UNIGRAN – Dourados**, vol. 01, nº 04, jan-julho 2013, p. 77 – 83.

TRAQUINA, N. **Jornalismo**. Lisboa: Quimera, 2002.

UCHÔA, Fábio Raddi. “A colagem na obra de José Agrippino de Paula: Migração de procedimentos entre literatura, teatro e cinema” In: **Revista Contemporânea: Comunicação e cultura**. Vol. 13, nº 01, jan-abr 2015, p. 225 – 241.

WHITE, H. **Trópicos do discurso. Ensaio sobre a crítica da cultura**. São Paulo: Edusp, 2001.

XAVIER, V. **O mez da gripe e outros livros**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

YUNES, E. (org.) **Pensar a leitura: complexidade**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2002.

Enviado em 29/04/2017

Aceito em 20/12/2017